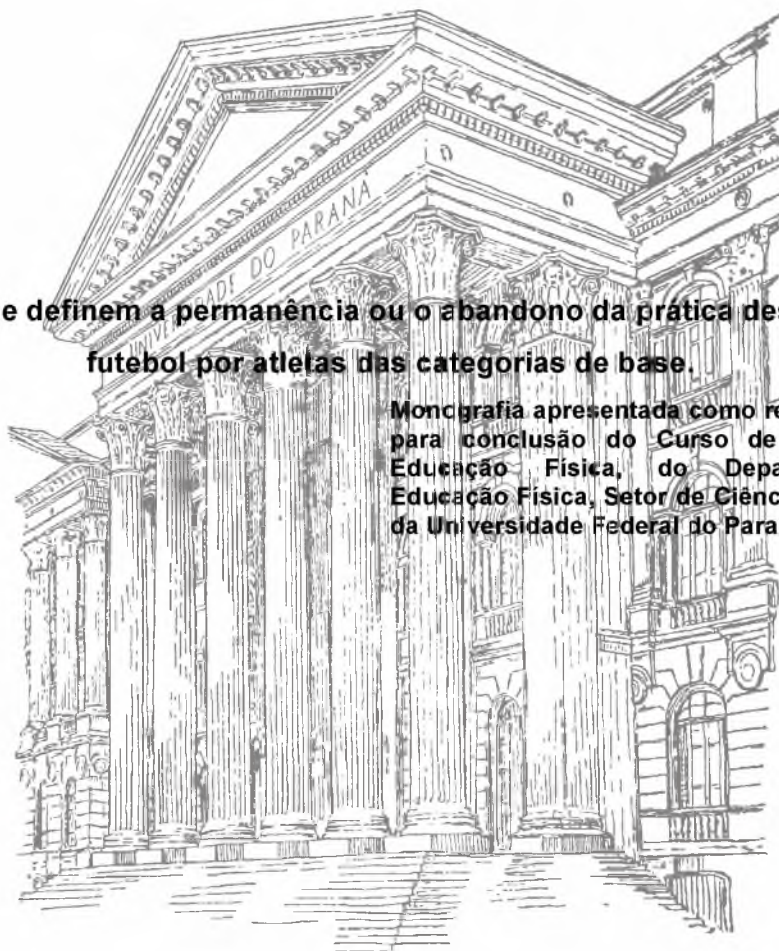


ALAN DOS SANTOS MARTINS

Motivos que definem a permanência ou o abandono da prática desportiva do futebol por atletas das categorias de base.

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Bacharel em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.



CURITIBA

2009

ALAN DOS SANTOS MARTINS

**Motivos que definem a permanência ou o abandono da prática desportiva do
futebol por atletas das categorias de base.**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Bacharel em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Joice Mara Stefanello
CO-ORIENTADORA: Msd.Priscilla Bertoldo Santos

À minha esposa, minha filha, meus pais e minha irmã,
Sem os quais eu nada seria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu a oportunidade de acrescentar um curso superior a minha formação.

Aos meus pais Altamir e Nilza, que dedicaram suas vidas para me dar condições de estudar e concluir minha formação.

A minha esposa Caroline que com paciência soube me acompanhar nesta longa e difícil caminhada.

A minha irmã Aliny, minha filha Bianca e minha sobrinha Vicktória, simplesmente por fazerem parte da minha vida.

A minha orientadora, Professora Joice, que teve muita paciência e corrigiu meus atos e me repreendeu quando necessário.

As minhas colegas co-orientadoras Sabrina e Priscila, que dispuseram seu tempo para me ajudar na realização deste trabalho.

A diretoria do “Clube 1”, Cezar e toda a equipe, por disponibilizarem os atletas da categoria juniores para realizar esta pesquisa.

A psicóloga do “Clube 2”, Mariana, por me acolher muito bem no Centro de Treinamento e disponibilizar as equipes de infantil e juvenil para realizar este estudo.

A todos os atletas que participaram dessa pesquisa respondendo ao QMPE.

“O sábio é aquele que estuda como se fosse viver eternamente

E vive como se fosse morrer amanhã”.

(Anônimo)

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	vi
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 OBJETIVO.....	3
2 REVISÃO DE LITERATURA	4
2.1 O FUTEBOL.....	4
2.2 MOTIVAÇÃO.....	6
2.3 MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA DESPORTIVA.....	8
2.3.1 Teorias da motivação aplicadas ao esporte.....	8
2.3.1.1 Teoria da Necessidade de Realização.....	9
2.3.1.2 Teoria da Atribuição.....	9
2.3.1.3 Teoria das Metas de Realização.....	9
2.3.1.4 Teoria da motivação para a Competência.....	10
2.3.1.5 Teoria da Motivação para o Rendimento.....	10
2.3.1.6 Teoria da Avaliação Cognitiva.....	11
2.4 ABANDONO DA PRÁTICA ESPORTIVA.....	14
3 METODOLOGIA	17
3.1 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	17
3.2 INSTRUMENTO.....	17
3.3 PROCEDIMENTOS.....	17
3.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	18
4 RESULTADOS	19
4.1 MOTIVOS PARA A PERMANÊNCIA NA PRÁTICA DO FUTEBOL.....	19
4.2 MOTIVOS PARA UM POSSÍVEL ABANDONO DA PRÁTICA ESPORTIVA.....	21
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	24
6 CONCLUSÕES	27
7 REFERÊNCIAS	28
8 ANEXOS	32
8.1 QUESTIONÁRIO DE MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA ESPORTIVA.....	32

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS POSITIVAS (IMPORTANTE E DECISIVO) DE ACORDO COM OS MOTIVOS PARA A PRÁTICA ESPORTIVA PARA TODAS AS CATEGORIAS.	19
TABELA 2 – FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS POSITIVAS (IMPORTANTE E DECISIVO) DE ACORDO COM OS MOTIVOS PARA A PRÁTICA ESPORTIVA PARA A CATEGORIA INFANTIL.....	20
TABELA 3 – FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS POSITIVAS (IMPORTANTE E DECISIVO) DE ACORDO COM OS MOTIVOS PARA A PRÁTICA ESPORTIVA PARA A CATEGORIA JUVENIL.....	20
TABELA 4 – FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS POSITIVAS (IMPORTANTE E DECISIVO) DE ACORDO COM OS MOTIVOS PARA A PRÁTICA ESPORTIVA PARA A CATEGORIA JUNIORES.....	21
TABELA 5 – FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS POSITIVAS (IMPORTANTE E DECISIVO) PARA OS POSSÍVEIS MOTIVOS DE ABANDONO DA PRÁTICA ESPORTIVA PARA TODAS AS CATEGORIAS.	22
TABELA 6 – FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS POSITIVAS (IMPORTANTE E DECISIVO) PARA OS POSSÍVEIS MOTIVOS DE ABANDONO DA PRÁTICA ESPORTIVA PARA A CATEGRIA INFANTIL.....	22
TABELA 7 – FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS POSITIVAS (IMPORTANTE E DECISIVO) PARA OS POSSÍVEIS MOTIVOS DE ABANDONO DA PRÁTICA ESPORTIVA PARA A CATEGORIA JUVENIL.....	23
TABELA 8 - FREQUÊNCIA DE RESPOSTAS POSITIVAS (IMPORTANTE E DECISIVO) PARA OS POSSÍVEIS MOTIVOS DE ABANDONO DA PRÁTICA ESPORTIVA PARA A CATEGORIA JUNIORES.....	23

RESUMO

MARTINS, Alan S. **Motivos que definem a permanência ou o abandono da prática desportiva do futebol por atletas das categorias de base.** Curitiba: UFPR, 2009.

O futebol é o esporte mais praticado do planeta (JESUS, 2000). Pode ser praticado com vários objetivos como prazer, saúde, profissão. A mídia traz a todos a espetacularização do futebol, e desperta nas crianças, adolescentes e jovens o desejo de jogar futebol profissionalmente. É preciso compreender o que leva esses meninos a querer alcançar esse sonho. Para chegar ao profissionalismo é necessário que esses pequenos atletas ingressem nas categorias de base, e que sejam preparados física, tática e psicologicamente. Após ingressarem, precisam superar muitas barreiras e nem sempre conseguem chegar ao tão almejado objetivo. O objetivo deste estudo foi identificar os fatores que motivam a prática do futebol e os fatores que podem levar ao abandono da prática desportiva. Foram analisados 66 atletas de categorias de base de 2 clubes de futebol de Curitiba. Foi utilizado para coleta dos dados o Questionário de Motivação para a Prática Esportiva (SAMULSKI & NOCE, 2000), e os dados foram analisados através de distribuição de frequência simples. Como principais motivos para a prática desportiva encontram-se o “Prazer pela prática”, “Sentir-se realizado”, “Melhora do desempenho esportivo”, “Gostar de competir”. Os principais fatores para um possível abandono foram “Falta de apoio familiar”, “Falta de prazer e alegria nos treinos”, “Lesões” e “Falta de patrocinador”.

Palavras-chave: Futebol, motivação, abandono do esporte.

ABSTRACT

MARTINS, Alan S. **Reasons that define the presence or the abandonment of the sport of football athletes in the lower grades.** Curitiba: UFPR, 2009.

Football is the most common sport in the world (Jesus, 2000). It can be practiced with various goals such as pleasure, health, profession. The media brings all the spectacle of football, and awakens in children, adolescents and young people's desire to play football professionally. You have to understand what makes these boys want to achieve that dream. To get to the professionalism is necessary that these small players are posted in basic categories, which is prepared physically, tactically and psychologically. After you join, must overcome many barriers and do not always get the much desired goal. The objective of this study was to identify factors that motivate the practice of football and the factors that can lead to abandonment of the sport. We analyzed 66 categories of athletes based on 2 football clubs in Curitiba. Was used for data collection Questionnaire Motivation for sport practice (SAMULSKI & NOCE, 2000), and the data were analyzed using simple frequency distribution. The main reasons for the sport are the "Pleasure by doing," Feeling accomplished, "Improvement of athletic performance," "Fancy compete." The main factors for a possible withdrawal were "Lack of family support," "Lack of pleasure and joy in training," "injury" and "Lack of sponsor."

Keywords: Football, motivation, dropping out of sport.

1. INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais praticado do planeta (JESUS, 2000), geralmente sua prática engloba a participação de diversas pessoas, homens e mulheres de todas as idades, desde a infância até a fase adulta, tornando-se assim, por muitas vezes, parte indissociável da vida das mesmas. O futebol pode ser praticado com objetivos distintos: prazer, saúde, catarse (extravasar emoções, sentimentos), profissão, entre outros; e em diferentes locais: no clube, na empresa, na “várzea”, na escola, etc.

O futebol, embora possa ser visto como meio de ascensão social, é praticado também em outros locais que não os estádios e com outros objetivos que não o sucesso. Ele é facilmente encontrado nas escolas, onde professores de Educação Física utilizam-no como meio de integração dos alunos e como uma forma de movimentar as crianças e os jovens a fim de conduzi-los à uma atividade física. Podemos encontrar a prática do futebol nas praças, onde é possível jogá-lo descalço, sem camisa, com as regras adaptadas para aquele momento onde o mais importante é divertir-se, encontrar os amigos. Basta olharmos os campos de várzea nos finais de semana, para encontrarmos um povo trabalhador, cansado das rotinas nas fábricas, das injustiças sociais, que vão jogar o futebol para esquecer dos problemas, reencontrar os amigos, aproveitar um dos poucos direitos que lhe resta. Várias pessoas praticam o futebol por recomendação médica, precisam fazer uma atividade física e escolhem o futebol para melhorar sua saúde. São inúmeros os motivos que levam a prática desse esporte que está enraizado na cultura do nosso país.

Porém, o que causa maior interesse é o porquê seus praticantes, ainda na infância e adolescência, desejam fazer desse esporte uma profissão, que tem a prática realizada em estádios. Os estádios, arenas desportivas onde existem arquibancadas que comportam milhares de pessoas que se reúnem para apreciar o esporte e torcer por seus times, são alvo de milhares de crianças e jovens, que sonham pisar em seus gramados e exibir-se para essa multidão de apaixonados pelo futebol.

Esse sonho de milhares de crianças e jovens é despertado, em sua grande parte, pela mídia, que traz à todos a espetacularização do futebol, com transmissões de partidas em rádio e TV, manchetes em jornais e relatos biográficos de atletas que conseguiram alcançar fama e dinheiro através deste esporte. Como afirmam Araújo, et al (2008) “Há vários programas televisivos, colunas de jornais e sites voltados para a área, o que de certa forma estimula e cria expectativas principalmente nas crianças e adolescentes... A mídia cria a imagem do atleta da

moda para anunciar que o mesmo é invencível. Criamos uma redoma em torno deste, uma espécie de herói nacional, utilizado no marketing para exacerbar o consumismo. A fascinação é tão visível que consegue transformar todo esse fenômeno em prestígio e lucro” e Corrêa, et al (2002) “com toda essa influência dos meios de comunicação social, é natural que jovens antes anônimos, quando conseguem boas atuações tornem-se, repentinamente, famosos”, Ídolos como Romário, Ronaldo, Ronaldinho, Kaká, entre tantos outros brasileiros que podemos citar, tornaram-se, para muitos, exemplo a ser seguido. Do menino pobre que não tinha condições de vestir-se bem, que muitas vezes passava fome, ao jogador de futebol reconhecido mundialmente que tira a família da pobreza, atua em equipes de outros países e representa sua nação em estádios do mundo inteiro nas Copas do Mundo. Por essa e outras razões, “o futebol passou a ser indubitavelmente no imaginário de cada brasileiro, o sonho de ascensão, de fama e de muito dinheiro” (BARREIRA, 2004).

Para que esse desejo possa ser realizado, esses meninos, e hoje em dia muitas meninas, precisam passar pelo único caminho existente que conduz à tal objetivo: as categorias de base ou escolinhas, que são “espaços contextuais destinados ao ensino do futebol, em momentos fora do período escolar com possibilidades de diferentes conotações” (REZER, 2003). No Brasil é comum clubes de futebol profissional terem seus próprios Centros de Formação de Atletas, que preparam crianças, adolescentes e jovens, tecnicamente, pois, “a repetição não apenas do gesto, mas do gesto que o atleta realizará dentro do jogo, oferecendo melhores condições para manter o foco atencional direcionado ao evento facilitando as condições para percepção, antecipação e conseqüente tomada de decisão, o que implica em definir função para os Atletas e a sua especialização dentro de campo” (BORTOLI; BORTOLI, 2001); psicológica e fisicamente, para que durante o percorrer da idade estejam preparados para um futuro ingresso no futebolismo profissional. Porém, não é qualquer criança que tem acesso as categorias de base. Existe um processo chamado “peneira”, no qual o jovem atleta é avaliado por técnicos, muitas vezes ex-jogadores, e se aprovados começam a fazer parte do elenco. Dado o primeiro passo, torna-se rotina na vida do atleta treinamentos e competições exaustivos psicológica e fisicamente, fora o fato de muitas vezes ficar longe da família ou precisar abandonar os estudos, “a extensão e o envolvimento popular do futebol brasileiro podem somente em parte explicar porque jogadores jovens se engajam tão precocemente em uma atividade que os leva a treinar e competir intensivamente e, muitas vezes, os faz viver em alojamentos, isolados da família” (BRANDÃO, 2008). Geralmente esse ingresso na categoria de base de um clube ocorre muito cedo, precisando assim que a criança, o adolescente ou o

jovem, passe tempo demasiado longo, anos treinando, para quem sabe, tornar-se atleta profissional. Isso será fruto do esforço empreendido e da motivação que envolve o mesmo.

A motivação é um dos principais fatores que interferem no comportamento de uma pessoa, pois influi, com muita propriedade, em todos os tipos de comportamentos, permitindo um maior envolvimento ou uma simples participação em atividades que se relacionem com aprendizagem, desempenho e atenção (RODRIGUES, 1991).

Esta pesquisa foi realizado devido a falta de estudos que analisem os fatores motivacionais da prática desportiva do futebol por adolescentes e jovens dentro das categorias de base dos clubes, e a importância de compreender como os jovens atletas lidam com as situações que lhes ocorrem durante uma estada em um clube, os treinos excessivos, as competições demasiado cansativas e as barreiras que se apresentam para serem superadas até o ingresso no futebol profissional.

1.1. OBJETIVO

Identificar os motivos que permitem a continuação da prática do futebol em busca do alto rendimento, e os motivos que podem, afastá-los desta prática na concepção dos próprios atletas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. O FUTEBOL

O futebol de campo é uma modalidade esportiva pertencente à categoria de grandes esportes de equipes, caracterizado por um regulamento com validade internacional e disputa de campeonatos nacionais e internacionais periódicos (SÁ, 2009).

Segundo Silva (2009), o futebol não pode ser considerado, nos dias de hoje, apenas um jogo. Ele é um fenômeno desportivo, econômico, social e até político. É espetáculo, investimento, marketing, moda, prática, ensino. Atinge uma transversalidade tal que não é indiferente a quase nenhuma pessoa no mundo.

É difícil definir sua origem, a mais coerente é de que um jogo chamado *gioco del caccio* saíra da Itália chegando à Inglaterra no século XVII, onde foi organizado e sistematizado, o campo passou a ter medidas exatas e balizas retangulares chamadas de gol.. O jogo futebol gradativamente rompeu os limites da Inglaterra, cresceu em praticantes como nenhum outro esporte, e se espalhou por toda a Europa. (PEREIRA, 2004; ORTIZ, 2007).

O futebol foi desenhando sua estrutura de regras e de organizações na Inglaterra, principalmente nas décadas de 60 e 70 do século XIX, tempo em que eram comuns jogos entre associações, como a de Londres e a de Sheffield. O crescimento do esporte foi enorme e a Associação de Futebol de Londres, a mais representativa do país na época, pulou de 10 agremiações associadas para aproximadamente 1.000, entre 1867 e 1888. Em 1885 o futebol se tornou profissional e no ano seguinte surgiu a *International Board*, a única entidade responsável pelas mudanças nas regras ainda hoje. A (FIFA), foi criada em 1904 com intuito de organizar o futebol no mundo todo. Em 1905 os associados eram em torno de 10.000 britânicos. Após a criação da *Challenge Cup*, em 1871, os torneios se popularizaram e a Associação de futebol de Londres já naquela época, contava com profissionais que se preocupavam com o desenvolvimento do esporte (Murray, 1996 apud ROSITO, 2008; SÁ, 2009).

Segundo Mason, (1995 apud ROSITO, 2008), a expansão do futebol se deu, principalmente, por dois fatores: a relação da Inglaterra com suas colônias e sua importância econômica mundial na época, seus navegadores indo aos mais distantes portos levando o esporte em diversos países; e a simplicidade do futebol, podendo ser praticado em qualquer lugar e por qualquer pessoa. (MURRAY, 1995, apud ROSITO, 2008).

No Brasil, o esporte chegou em 1894 com Charles Miller, que após viagem para estudos na Inglaterra, voltou com todo o material necessário para jogar dentro da bagagem. Entre 1894 e 1910 a prática do futebol ficou restrita aos estrangeiros donos de clubes urbanos. Entre 1911 e 1932 tornou-se símbolo de distinção social, havia vários casos de racismo, os negros eram proibidos de defender clubes e seleção brasileira. Entre 1933 e 1950 o futebol foi regulamentado como profissão e tornou-se espetáculo de massa entre 1951 e 1980 começou a comercialização do futebol nacional e a visão de um grande negócio. De lá para os dias de hoje a modernização do futebol gerou aumento nos investimentos até chegar aos níveis estratosféricos de hoje. Com o alto nível dos salários tornar-se jogador profissional parece ser um sonho comum a todas as crianças, a oportunidade de levar uma vida melhor. Porém, como a carreira de jogador é considerada curta, em média dez a quinze anos, quanto mais cedo a criança entra para a categoria de base melhor, a chance de alcançar o profissionalismo mais cedo é alta, pois ele vai ser formado dentro do próprio clube. Mas na verdade poucos dos milhares de atletas que passam pelas categorias de base chegam a este nível e raros são os que conseguem sucesso e estabilidade financeira (LEVINE, 1982; SÁ, 2009, SHIRTZ, 1982; WITER, 1982).

O alto nível é a última de várias etapas em que muitos jovens desistiram ou foram obrigados a desistir, em um processo de extrema competitividade, exigências e pressões. Para alcançar seus objetivos o jovem deve ter além de talentos naturais, qualidades técnicas, físicas e psicológicas, determinantes para seu desempenho esportivo. Levando em conta que o jogador de base é um adolescente ou jovem comum, que passa por transições físicas e psicológicas, é incapacitado de participar de atividades coerentes com sua idade e em muitos casos sofre pressão dos pais ou precisa sair de casa e morar no clube, situação onde é comum observar instabilidade emocional e comportamental, medos, variação na motivação e na atenção, desorganização, agressividade, baixa tolerância à frustração, baixa auto-estima, medo de errar, perfeccionismo ou desinteresse súbito pela atividade, aconselha-se a preparação psicológica também nas categorias de base. (LEONHARDT, 2003; FLEURY, 2004; SUÁREZ, 2008).

2.2. MOTIVAÇÃO

O termo motivação tem suas raízes no verbo latino *movere*, que significa mover. A motivação implica movimento, ativação, por isso, para descrever um estado altamente motivado, são utilizados termos como: excitação, energia, intensidade e ativação; é também resultado da interação entre características intrínsecas ao indivíduo, como personalidade, necessidades, interesses, expectativas e objetivos e características extrínsecas a ele, relativas a fatores situacionais ou do ambiente, como cultura, influências sociais, estilo do técnico, das tarefas ou do desafio (HERNANDEZ et al, 2004; WEINBERG; GOULD, 2001; SAMULSKI, 2008).

Samulski (1995), define motivação como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, que depende da interação de fatores pessoais e ambientais, e essa motivação apresenta uma determinante energética (nível de ativação) e uma determinante de direção do comportamento (intenções, interesses, motivos e metas).

Para Neto (1987), a motivação é um estado interior, emocional, que desperta o interesse ou a iniciação do indivíduo para algo. O indivíduo, quando motivado, se dispõe a alcançar suas metas e não mede esforços para isso. Portanto, essa idéia de motivação parte do pressuposto de que deve existir algo que desencadeia uma ação, que lhe dá uma direção e o mantém em busca de seu objetivo.

Já Davidoff (1983), refere-se à motivação como um estado interno, que parte de uma necessidade, que por sua vez desperta um comportamento com o objetivo de cumprir a necessidade ativante. Sendo assim, qualquer estudo sobre motivação implica estudar os motivos que influenciam um determinado comportamento.

Winterstein (1992), classifica a teoria da motivação pela existência de algo desencadeador para uma ação, que direciona e mantém seu curso a um objetivo. Desta forma entende-se que a motivação necessita de uma meta, ou desafio a ser atingida.

Segundo Cratty (1984), a motivação é um conjunto de fatores e processos que levam a uma ação ou a inércia em diversas situações, e esta depende de razões, motivos, valores e necessidades de vários tipos. A maneira como o indivíduo obtém motivação é influenciada por uma variedade de comportamentos, pensamentos e sentimentos, que incluem: a escolha da atividade, o esforço na tarefa, a intensidade do esforço e a persistência diante do fracasso e do adversário (WEINBERG; GOULD, 2001).

De acordo com Verardi e De Marco (2007), os aspectos motivacionais são os principais fatores para a realização de toda e qualquer atividade seja ela no plano motor ou cognitivo, permitindo a máxima eficiência da aprendizagem. Podemos considerar que a chave da motivação está na satisfação que o indivíduo obtém do seu comportamento.

Basicamente existem três visões teóricas sobre a motivação: Centrada no traço; Centrada na situação e a Interacional. A visão centrada no traço sustenta que o comportamento motivado ocorre em função das características de personalidade do indivíduo, suas necessidades e seus objetivos. A visão centrada na situação diz que a motivação depende do momento e não das características pessoais. Já a visão interacional defende que a motivação se origina na junção dos dois fatores, traço e situação. Está última é a visão com maior aceitação na atualidade.

Na literatura encontram-se duas classificações para motivação: intrínseca e extrínseca.

Segundo Barroso (2007), a motivação pode ser classificada em intrínseca quando satisfaz o sujeito pela própria participação na atividade dividindo-se pelo ego (superação pessoal) e pelo prazer da tarefa. As pessoas motivadas intrinsecamente visam a competência, domínio da tarefa, competição, ação, diversão e aquisição de habilidades, e seu nível de expectativa costuma se elevar regularmente. E a motivação extrínseca se dá através de recompensas como elogios, aplausos, prêmios, troféus, medalhas, dinheiro, viagens, notas e bolsas escolares; e também como punições: privação de privilégios, críticas, ridicularizações, vaias, exercícios e trabalhos extras, descontos salariais.

Segundo Machado (1995), a motivação intrínseca é inerente ao objeto de aprendizagem, à matéria a ser aprendida, ao movimento a ser executado, não dependendo de elementos externos para atuar na aprendizagem. Deriva-se da satisfação inerente à própria atividade de aprender. O mesmo autor considera a motivação extrínseca mais relacionada à própria atividade de aprendizagem, não sendo resultado do interesse, mas sim, determinada por fatores externos à própria matéria a ser aprendida.

Segundo Pisani et al (1990), são quatro as principais teorias que interpretam os processos motivacionais: a) a Teoria Comportamentalista, elaborada por B. Watson que propõe um estudo objetivo do homem, entendendo que o comportamento é a única fonte de dados psicológicos. Segundo essa teoria, a motivação tem como ponto central o conceito de impulso, os comportamentos seriam respostas a dois estímulos, impulso e hábito, criando um processo de estímulo resposta. b) A Teoria Cognitiva, elaborada por Jean Piaget, segundo a qual não há conexão automática estímulo-resposta, pois recorrendo a experiências passadas,

os indivíduo consegue prever as conseqüências de seus atos. Nessa teoria, o comportamento depende tanto das escolhas conscientes do indivíduo quanto dos acontecimentos do meio, é uma visão interacional. A motivação depende de como o indivíduo percebe a situação. c) A Teoria Psicanalítica, criada por Sigmund Freud, pressupõe que o comportamento humano é determinado pela motivação inconsciente e impulsos instintivos. Assim, nem sempre a decisão consciente do indivíduo leva a resposta efetiva. De acordo com essa teoria, a motivação se originaria da interação entre três aspectos da personalidade: o id, inconsciente e em busca de satisfação; o superego, censura interna; e o ego, que em contato com o mundo exterior tenta satisfazer os instintos do id, independente da aprovação ou não do superego. d) A Teoria Humanista, que visa o homem como criatura que reage a estímulos mecânica ou cognitivamente, ou é vítima de seus instintos e impulsos.

2.3. MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA DESPORTIVA

A motivação é um dos grandes conteúdos da Psicologia do Esporte, originando uma das maiores produções em termos de investigação, discussão em congressos e literatura científica no que se refere tanto a jovens quanto adultos. Sua compreensão é essencial para a orientação, acompanhamento e gestão de atletas e praticantes de atividade física, envolvendo mais do que encorajar com prêmios e palavras, ou punir com exercícios físicos extras e descontos salariais (WINTERSTEIN, 2002).

Outro importante aspecto a ser levantado é a orientação motivacional do indivíduo envolvido no esporte. Existem duas perspectivas básicas com as quais esse indivíduo julga sua competência e, subjetivamente, define seus sucessos e fracassos: a orientação para o ego ou competitividade e a orientação para a tarefa ou realização. Pessoas voltadas para a tarefa visam auto-superação: domínio e refinamento de habilidades, esforço contínuo, busca por competência e sucesso individual. Já os indivíduos orientados para o ego se preocupam em comparações com terceiros, sempre com o intuito de supera-los (SAMULSKI, 2002; WEIBERG; GOULD, 2001).

2.3.1. TEORIAS DA MOTIVAÇÃO APLICADAS AO ESPORTE

Entre as várias teorias da motivação, algumas condizem mas com a atividade física e o esporte.

2.3.1.1. TEORIA DA NECESSIDADE DE REALIZAÇÃO

Segundo essa teoria a junção dos dois fatores apresentados na visão interacional, fatores situacionais e fatores de traço, resultam numa tendência que aborda o sucesso e evita o fracasso. Os aspectos situacionais basicamente envolvem a probabilidade de sucesso diante do nível de dificuldade da tarefa e o valor de incentivo de sucesso, ou seja, o quanto a vitória e a superação serão valorizadas nesse nível de dificuldade. Das tendências de abordagem, resultam as reações emocionais: enquanto o atleta de alto nível se concentra no orgulho do sucesso, procurando situações de realização, desafios e melhora de desempenho, o atleta com baixo nível de realização teme a vergonha do fracasso, evitando situações de realização, riscos e desafios, geralmente com fraco desempenho (REVELLE, 1975; ORY et al, 1976; SHORT et al, 1986 apud BARROSO, 2007; WINTERSTEIN, 2002).

2.3.1.2. TEORIA DA ATRIBUIÇÃO

Essa teoria fala sobre o processo cognitivo com o qual as pessoas analisam causas e consequências dos eventos nos quais se envolvem, interpretando benefícios e prejuízos, sucessos e insucessos com o intuito de estruturar e controlar suas ações. No esporte isso envolve explicar e prever comportamentos de atletas (DORSCH et al, 2001; FONSECA et al, 2002; WINTERSTEIN, 2002).

O quadro referencial teórico dessa teoria utilizado atualmente, foi criado por Weiner. Segundo ele a maioria das causas de atribuição de sucesso ou fracasso pode ser classificada em três dimensões: a) estabilidade: define se as características da situação ou pessoa são permanentes ou instáveis; b) causalidade: define se a causa do comportamento é interna ou externa à pessoa; c) controle: define se o fator está ou não sob controle do indivíduo (ROESCH et al, 1997; COMER, 2004 apud BARROSO, 2007).

2.3.1.3. TEORIA DAS METAS DE REALIZAÇÃO

Surgiu no final da década de 70. O conceito de meta refere-se aos porquês do envolvimento de alguém em determinada tarefa.

Ames (1992), define “metas de realização” como um conjunto de pensamentos, crenças, propósitos e emoções que traduzem as expectativas ao realizar determinadas tarefas,

o que significa que as metas são representadas por modos diferentes de enfrentar atividades e desafios. Nesta teoria têm-se estudado a conquista de objetivos para compreender o processo de motivação para o rendimento e as diferenças de desempenho, bem como o significado do sucesso e fracasso para cada indivíduo (WEINBERG; GOULD, 2001; SAMULSKI, 2002; BUENO et al, 2007).

Segundo essa teoria três fatores interagem para determinar a motivação de uma pessoa: a) metas de realização, ou seja, que objetivos foram escolhidos entre resultado de desempenho e resultado de tarefa. Tarefa e resultado definem a orientação motivacional de uma pessoa. b) Percepção de capacidade – alta ou baixa percepção de competência; c) Comportamento frente à realização – desempenho, esforço, persistência, escolha da tarefa ou adversários (WINTERSTEIN, 2002; BUENO et al, 2007).

2.3.1.4. TEORIA DA MOTIVAÇÃO PARA A COMPETÊNCIA

Elaborada por Weiss e Chaumeton em 1992, afirma que as pessoas motivadas a se sentirem dignas ou competentes, determinando a motivação como um todo. Para os autores, consideradas as orientações motivacionais dos atletas, suas percepções de controle (identificação do quanto se é responsável pelo que acontece) e de competência influenciam os estados afetivos e emocionais, por sua vez influenciando a motivação. A teoria também sustenta que fatores de diferenças individuais, como sexo e maturidade cognitiva, e contextuais, como tipo de esporte e estrutura de recompensas, influem decisivamente sobre a motivação (CHAMBERS, 1991; WEISS; CHAUMETON, 1992; WONG; BRIDGES, 1995). O indivíduo que acredita controlar a situação e se julga competente por dominar determinada tarefa apresenta maior probabilidade não apenas de se motivar a repeti-la, mas nela persistir (WONG; BRIDGES, 1995).

2.3.1.5. TEORIA DA MOTIVAÇÃO PARA O RENDIMENTO

É o desejo de melhorar, aperfeiçoar ou manter o rendimento em alto nível, caracteriza-se essencialmente por duas tendências: procurar o êxito (perfil de atleta vencedor) e evitar o fracasso (perfil de atleta perdedor). Elaborada por Heckhausen entre 1963 e 1980, essa teoria representa o esforço do indivíduo, seja por normas de referências individuais (auto-

superação), seja por normas sociais (competitividade) (SAMULSKI, 2002; WINTERSTEIN, 2002).

A motivação para o rendimento apresenta determinantes internos, como nível de expectativa, hierarquia de motivos, orientação motivacional para sucesso ou fracasso e atribuição causal, e determinantes externos, que englobam incentivos, dificuldades e problemas. Essa teoria estabelece relações fundamentais entre motivação e rendimento: nível de motivação e atratividade da tarefa apresentam relação linear, ou seja, são diretamente proporcionais; já as relações de motivação x rendimento são curvilíneas, ou seja, o rendimento aumenta conforme aumenta a dificuldade da tarefa até se atingir o limite do praticante. A partir desse ponto, conforme a dificuldade aumenta o rendimento diminui (SAMULSKI, 2002; WINTERSTEIN, 2002).

2.3.1.6. TEORIA DA AVALIAÇÃO COGNITIVA

Ao pensar numa tarefa, o indivíduo a avalia em termos do quanto ela satisfaz suas necessidades de se sentir competente, autônomo e no controle da situação. Ao se julgar capaz de desempenhar a tarefa, o indivíduo se motiva intrinsecamente, dispensando reforços externos. Desenvolvida em 1985 por Deci e Ryan, a Teoria da Autodeterminação, sustenta que qualquer evento que afete a percepção de competência da pessoa também afeta sua motivação intrínseca. Esse evento como, por exemplo, distribuição de recompensas, tipo de reforço, quantidade e qualidade de *feedback*, possui dois aspectos: o controlador e o informativo (RUMMEL; FEINBERG, 1988; HOLT; MANDIGO, 2000; RECASCINO; SMITH, 2003).

O aspecto controlador se refere ao tipo de atribuição causal do indivíduo, interna ou externa. Segundo a própria teoria, como as pessoas são motivadas intrinsecamente a fazer o que querem, tendem a se desmotivar quando percebem que são levadas à prática por motivos externos, tais como dinheiro, premiações etc. porém, se o indivíduo entende essas recompensas como um reconhecimento ao seu esforço e desempenho (reforço positivo) a tendência da motivação é aumentar (HOLT; MANDIGO, 2000; RECASCINO; SMITH, 2003). O aspecto informativo está diretamente relacionado à percepção de competência do sujeito. Se o reforço é realmente adequado ao tipo de comportamento e nível de desempenho do atleta, sua motivação tende a se elevar. Caso julgue não merecedor da recompensa, essa motivação diminuirá. Além disso, reforços negativos como críticas e punições reduzem a

percepção de competência do indivíduo e , conseqüentemente, seu nível e motivação (HOLT; MANDIGO; RECASCINO; SMITH, 2003).

Porém, não se pode pensar em motivação sem lembrar do motivo, que é a base do processo motivacional. O motivo é a mola propulsora responsável pelo início e manutenção de qualquer atividade executada pelo ser humano (ISLER, 2002).

Segundo Gouvêa (1997), os motivos são inerentes aos seres humanos. Assim, ele define o motivo como "um fator interno, que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa".

Os motivos podem ser classificados segundo Winterstein (2002), em três categorias, sendo elas: 1) motivos de sobrevivência que por sua vez se divide em: cíclicos (fome, sono, sede, etc), episódicos (dor, medo, fadiga, etc) e necessidade de recepção e interpretação de informação; 2) motivos sociais que se dividem em reprodutivos, afiliação e prestígio e 3) motivos relacionados a competência que englobam a necessidade de confirmação de informações.

Segundo Santos (2007), "o ponto central do entendimento dos processos motivacionais consiste em compreender quais os motivos e intenções que levam um indivíduo a persistir no aprendizado e a tentar melhorar seu rendimento, mesmo enfrentando diversas dificuldades durante o treinamento para continuar treinando, esforçando-se com persistência para atingir o potencial estabelecido".

Entre crianças e jovens, é difícil entender as razões que os levam a aderir a prática de esportes. Estudos na área tentam definir os motivos para o envolvimento dos mesmos em atividades desportivas em realidades diferentes.

Interdonato et al (2008), estudaram 87 atletas entre 10 e 14 anos, de diversas modalidades com objetivo identificar quais os motivos que levam as crianças e adolescentes à prática esportiva. Utilizaram o Inventário de Motivação para a Prática Desportiva adaptado de Gaya & Cardoso (1998), composto de 19 motivos e que foram divididos em três categorias: Saúde, Competência desportiva e amizade e lazer, com 3 níveis de classificação: 1) nada importante, 2) pouco importante e 3) muito importante, e encontraram os seguintes resultados: 67,7% para o item saúde como o mais importante seguido por competência física com 61% e amizade e lazer com 48,9%. Paim (2001), realizou um estudo utilizando o mesmo instrumento, com o objetivo de verificar quais os motivos que levam adolescentes praticar o futebol. A população foi composta de 100 sujeitos, praticantes em clubes de iniciação desportiva de futebol, sendo 36 meninos e 16 meninas da UFSM e 34 meninos e 14 meninas

do Clube Recreativo Dores. Os resultados indicaram que os motivos mais forte para o envolvimento dos adolescentes no futebol estão relacionados a competência desportiva (72%) e saúde (70%), ficando a categoria amizade e lazer com (67%) da preferência. Quanto ao contexto social onde praticam, os adolescentes praticantes na UFSM apontaram como fator mais importante a categoria competência desportiva com (87%) da preferência, já os praticantes no Clube Dores apontaram como fator mais motivante para a prática desportiva a categoria amizade e lazer com (79.0%) da preferência.

Machado et al (2005), fizeram a análise de 102 adolescentes de ambos os sexos na faixa etária de 14 a 17 anos, participantes de programas de iniciação esportiva oferecidos pela Ulbra no Mato Grosso do Sul, com objetivo de identificar os fatores motivacionais que influenciam os adolescentes a aderirem os PIE. Foi utilizado o Inventário dos Fatores Motivacionais de Gill (1983), modificado por Scalon (1998). Entre os meninos a categoria saúde apresentou maior nível de importância com média de 3,49, seguido por divertimento com 3,30, socialização 2,92 e auto realização 2,71. entre as meninas apresentou maior nível de importância divertimento com 3,54, seguido por saúde com 3,51, socialização 3,03 e auto realização 3,00. no estudo aplicado nesta população específica concluiu-se que o fator habilidade técnica é valorizada mas não é prioridade. Paim (2001), utilizando o mesmo instrumento, analisou 32 alunos, de ambos os sexos, da escolinha de futebol do ADUFSM, com faixa etária de 10 a 16 anos, com o objetivo de investigar os motivos para a que fizeram com que escolhessem a escolinha citada. Os motivos foram divididos em seis categorias: afiliação, habilidades, excitação e desafios, sucesso e status, aptidão e liberação de energia. Os resultados encontrados foram os seguintes: entre as meninas de 10 a 13 anos, os motivos de excitação e desafio (84%), desenvolver habilidades (79%), e aptidão (62%) foram os mais citados; entre as meninas de 14 a 16 anos, os motivos de desenvolver habilidades (79%), afiliação (77%), aptidão e liberação de energia (75%) foram os mais citados. Entre os meninos de 10 a 13 anos, os motivos mais citados foram afiliação (81%) e desenvolver habilidades, excitação e desafio aptidão (75%); entre os meninos de 14 a 16 anos, os motivos bastante de desenvolver habilidades (79%), sucesso *status* (68%) e afiliação (64%) foram os mais fortes para o envolvimento no futebol. Ao fim do estudo concluiu-se que os fatores motivacionais que levaram os adolescentes da ADUFSM à prática do futebol foram desenvolver habilidades, seguido de excitação e desafios, afiliação, aptidão, liberação de energia e sucesso e *status*.

Com base nos estudos acima identificamos motivos que levam crianças e adolescentes a praticar esportes, nem sempre competitivamente, uma vez que os autores objetivaram analisar os motivos para a escolha do esporte ou do local de prática. Encontramos como resultados mais citados a busca por novos amigos, melhores condições de saúde, melhora nas aptidões físicas e desportivas, diversão, etc. Porém, não consta nos instrumentos aplicados situações em que exista a busca pelo auto rendimento, a profissionalização do atletas.

2.4. ABANDONO DA PRÁTICA ESPORTIVA

Quando se trata de abandono esportivo o termo utilizado na literatura é *burnout* (que pode ser traduzido como queima, esgotamento), e que segundo Gould et al (1996, apud Dias et al, 2004), define-se como o abandono do esporte por um stress excessivo crônico. Porém, quando o abandono do esporte se dá por outros motivos que não o stress, (mudança ou conflito de interesses, falta de diversão, baixa percepção de competência etc) o termo adequado seria *dropout*. Mas geralmente se encontra na literatura o termo *burnout* para o abandono esportivo independente dos motivos.

Weinberg e Gould (2001) definem a síndrome de *burnout* como uma resposta psicofisiológica de esgotamento exibida como resultado de esforços frequentes, às vezes extremos e geralmente ineficazes, para satisfazer demandas excessivas de treinamento e competições. Ainda para estes autores, o esgotamento tanto físico quanto emocional, trazem como consequência a perda de preocupação, energia, interesse e de confiança além de sentimentos de baixa realização pessoal, baixa auto-estima, fracasso e depressão.

A respeito do *burnout* encontram-se na literatura três modelos que visam explicá-lo, são eles o modelo de Smith (1986), Silva (1990) e Coakley (1992). (Dias et al, 2004; Pires et al, 2005).

O modelo de Smith (1986), caracteriza o *burnout* como um abandono psicológico, emocional e algumas vezes físico de uma atividade na qual a pessoa costumava engajar-se e divertir-se, em função do estresse crônico ou da falta de satisfação. O autor propõe um modelo de processo de *burnout* no esporte baseado no estresse composto por quatro estágios, os quais os estágios são influenciados por fatores motivacionais e de personalidade como a auto-estima e traço de ansiedade. O *burnout* é então visto como resultado de uma interação recíproca entre fatores pessoais e situacionais.

Segundo Silva (1990), existem fatores psicológicos envolvidos no processo do *burnout*, porém os responsáveis são os fatores psicológicos. O mesmo autor define o termo como uma resposta psicofisiológica resultante de esforços freqüentes, às vezes extremos, e geralmente inefetivos para dar conta das elevadas exigências de treinamento e competição.

Coakley (1992), argumenta que o estresse não é a causa do *burnout*, mas sim um sintoma. O autor apresenta uma perspectiva sociológica relacionando o *burnout* com a estrutura social de participação no esporte de atletas adolescentes. Nessa perspectiva, o fenômeno acontece quando os atletas sentem que estão perdendo tempo com o esporte ou quando se sentem presos ao mesmo. O autor relaciona essas questões com problemas de identidade.

Segundo Epiphanyo (2002), com relação a manutenção da prática de esportes de alto rendimento em atletas com idade média de 18 anos, em um determinado momento da vida, é comum que ocorra um conflito com relação ao desejo manifesto pelo esporte, que pode estar relacionado à ausência de objetivos, falta de perspectiva no esporte e afastamento do prazer inicialmente proporcionado pelo esporte. Tais conflitos ocorrem em um momento de transformação, a adolescência, quando há uma pressão para a efetivação da opção pela vida de atleta.

Dias et al (2007), estudaram 32 atletas tenistas de ambos os sexos, com idade média de 14 anos, com intuito de investigar possíveis fatores relacionados ao abandono da prática esportiva. Encontraram as seguintes variáveis: metas não alcançadas, preocupação menor com os resultados, cobranças por parte de pais e treinadores às quais os atletas não sabem se conseguirão corresponder, o fato de sentirem-se menos valorizados pelo treinador do que os colegas, de não estarem mais sentindo prazer em treinar e nem tendo vontade de ir aos treinos e ainda a falta de recurso financeiro.

Com esportes coletivos, Filho et al (2008), estudaram na Espanha, 332 jovens de ambos os sexos e idade entre 10 e 20 anos, que haviam abandonado suas praticas desportivas, em várias modalidades, entre elas o futebol, contemplado na pesquisa com 43 ex-praticantes. O objetivo do estudo foi avaliar os motivos do abandono do esporte. Foi utilizado para coleta de dados um questionário aberto com a pergunta: Quais os motivos o levaram a abandonar o esporte. Os motivos com maior número de freqüência foram estudos (113), falta de tempo para amigos (58), outros interesses (53), monotonia nos treinos (45), lesões (45), falta de resultados e participação (41), desmotivação (37), esgotamento (33). Encontraram-se ainda

respostas como falta de companheirismo, excessivo tempo de dedicação, mau condicionamento, decisão dos pais, distância de casa para o treino.

Hallal et al (2004), analisaram 140 ex-atletas de futsal, que abandonaram o esporte entre os 11 e os 17 anos. Foram separados em 3 grupos: 11-12, 13-14 e 15-17 anos. O instrumento utilizado foi o inventário da Universidade Federal de Minas Gerais, compostos originalmente, por 22 questões fechadas e 2 abertas. Encontraram os seguintes resultados: de modo geral os motivos mais apontados foram prejuízo nos estudos (36%) e falta de apoio do técnico (31%). Entre o grupo de 11-12 anos, os principais motivos foram prejuízo nos estudos (50%), falta de apoio do técnico e dificuldade de relacionamento com o técnico ambos com 33%. Entre os ex-atletas de 13-14 anos, a falta de apoio do técnico (30%), prejuízo nos estudos e preferência por outros esportes (25%). Na idade de 15-17 anos foram mais citados prejuízo nos estudos e falta (33%), falta de apoio do técnico (32%) e de patrocínio ou apoio financeiro (28%).

3. METODOLOGIA

3.1. PARTICIPANTES DO ESTUDO

Participaram do estudo 66 atletas, das categorias Infantil (25), Juvenil (21) e Juniores (20) das categorias de base de duas equipes de futebol da cidade de Curitiba, sendo que uma delas possui categoria profissional e a outra apenas forma atletas para outras equipes.

As equipes para análise foram escolhidas por serem as que permitiram a realização do estudo com seus atletas.

3.2. INSTRUMENTO

Para a realização dessa pesquisa, foi utilizado o Questionário de Motivação Para a Prática Esportiva (Samulski; Noce, 2000), composto por duas questões: 1) Avalie os motivos que o mantém “hoje” praticando esportes; e 2) Avalie os motivos que poderiam levá-lo a abandonar a prática de esportes competitivos. Ambas as questões possuem 16 motivos que podem ser classificados em categorias: 0 – sem importância; 1 – pouca importância; 2 – importante; 3 – decisivo.

3.3. PROCEDIMENTOS

Inicialmente foi realizado o contato com os responsáveis pelas equipes via telefone, agendada a data para aplicação do questionário e definida a quantidade de atletas que fariam parte do estudo. No dia e hora agendados, foi realizado o preenchimento do questionário com os atletas em um ambiente onde todos pudessem fazê-lo ao mesmo tempo, estando junto um responsável da própria equipe e o aplicador do questionário. Cada equipe permitiu a aplicação do questionário em seu devido Centro de Treinamento.

3.4. ANÁLISE DOS DADOS

Foram utilizados para análise dos dados os Questionários preenchidos corretamente pelos participantes e que não encontravam margem superior a dez por cento das respostas em branco. Para fins de análise, foram consideradas positivas as respostas importante e decisivo. Os dados da amostra foram analisados por frequência simples (percentual).

4. RESULTADOS

4.1. MOTIVOS PARA A PERMANÊNCIA NA PRÁTICA DO FUTEBOL

A análise geral dos resultados, obtidos através do Questionário de Motivação para a Prática Desportiva, incluindo os 66 atletas que participaram do estudo, apresentou como principais motivos para a permanência da prática esportiva os seguintes: Prazer pela prática esportiva (97%), Sentir-se realizado/buscar realização (94%), Gostar de competições (88%), Ter/buscar sucesso no esporte (85%) e Melhorar desempenho esportivo (84%). Estes resultados podem ser vistos na tabela 1.

Tabela 1 – Frequência de respostas positivas (importante e decisivo) de acordo com os motivos para a prática esportiva para todas as categorias.

Motivos que o mantém praticando esportes	N	%
pelo prazer da prática do esporte	65	97
por sentir-se realizado / buscar realização	63	94
para aprender novos movimentos e técnicas esportivas	52	78
para aumentar seus conhecimentos no esporte	41	61
para melhorar seu desempenho esportivo	56	84
por gostar de competições	59	88
por ter sucesso no esporte / buscar sucesso	57	85
para conhecer meus limites	40	60
pelo retorno financeiro	49	73
por gostar de desafios	47	70
para fazer amizades	41	61
pelo status social	37	55
ter o desempenho reconhecido por outras pessoas	55	82
aprender a cooperar com outras pessoas	54	81
pelo incentivo da família e amigos	54	81
para viajar, conhecer outras pessoas e países	41	61

Para os atletas da categoria infantil, os principais motivos que contribuem para a continuação da prática do futebol foram “Prazer da prática do esporte” (100%), “Sentir-se realizado” (88%) e “Melhorar o desempenho esportivo”, “Gostar de competições”, “Ter o desempenho reconhecido por outras pessoas”, “Aprender cooperar com outras pessoas” e “Incentivo da família e amigos” (84%). Como mostra a tabela 2.

Tabela 2 – Frequência de respostas positivas (importante e decisivo) de acordo com os motivos para a prática esportiva para a categoria infantil.

Motivos que o mantém praticando esportes	N	%
pelo prazer da prática do esporte	25	100
por sentir-se realizado / buscar realização	22	88
para aprender novos movimentos e técnicas esportivas	19	76
para aumentar seus conhecimentos no esporte	19	76
para melhorar seu desempenho esportivo	21	84
por gostar de competições	21	84
por ter sucesso no esporte / buscar sucesso	20	80
para conhecer meus limites	13	52
pelo retorno financeiro	17	68
por gostar de desafios	16	64
para fazer amizades	15	60
pelo status social	13	52
ter o desempenho reconhecido por outras pessoas	21	84
aprender a cooperar com outras pessoas	21	84
pelo incentivo da família e amigos	21	84
para viajar, conhecer outras pessoas e países	20	80

A categoria juvenil elegeu como motivos mais importantes para seguirem praticando futebol “Prazer pela prática” e “Sentir-se realizado” (100%), “Ter sucesso no esporte” (96%), “Gostar de competições” (86%) e “Retorno financeiro” e “Gostar de desafios”; (77%). Como demonstra a tabela 3.

Tabela 3 – Frequência das respostas positivas (importante e decisivo) de acordo com os motivos para a prática esportiva para a categoria juvenil.

Motivos que o mantém praticando esportes	N	%
Pelo prazer da prática do esporte	21	100
Por sentir-se realizado / buscar realização	21	100
Para aprender novos movimentos e técnicas esportivas	15	72
Para aumentar seus conhecimentos no esporte	10	48
Para melhorar seu desempenho esportivo	15	72
Por gostar de competições	18	86
Por ter sucesso no esporte / buscar sucesso	20	96
Para conhecer meus limites	14	67
Pelo retorno financeiro	16	77
Para fazer amizades	13	62
Pelo status social	14	67
Ter o desempenho reconhecido por outras pessoas	18	86
Aprender a cooperar com outras pessoas	17	82
Pelo incentivo da família e amigos	15	72
Para viajar, conhecer outras pessoas e países	11	53

Quanto à categoria juniores foram encontrados entre os atletas, como incentivo para continuarem praticando a modalidade esportiva futebol os seguintes resultados: “Sentir-se realizado”, “Melhorar desempenho esportivo” e “Gostar de competições” (100%), “Prazer da prática” (95%) e “Aprender novas técnicas esportivas”, "Incentivo de família e amigos" (90%). Resultados descritos na tabela 4.

Tabela 4 – Frequência de respostas positivas (importante e decisivo) de acordo com os motivos para prática esportiva para a categoria juniores.

Motivos que o mantém praticando esportes	N	%
Pelo prazer da prática do esporte	19	95
Por sentir-se realizado / buscar realização	20	100
Para aprender novos movimentos e técnicas esportivas	18	90
Para aumentar seus conhecimentos no esporte	12	60
Para melhorar seu desempenho esportivo	20	100
Por gostar de competições	20	100
Por ter sucesso no esporte / buscar sucesso	17	85
Para conhecer meus limites	13	65
Pelo retorno financeiro	16	80
Por gostar de desafios	15	75
Para fazer amizades	13	65
Pelo status social	10	50
Ter o desempenho reconhecido por outras pessoas	16	80
Aprender a cooperar com outras pessoas	16	80
Pelo incentivo da família e amigos	18	90
Para viajar, conhecer outras pessoas e países	10	50

4.2. MOTIVOS PARA UM POSSÍVEL ABANDONODA PRÁTICA DESPORTIVA

A tabela 5 nos mostra, de modo geral, que os atletas não julgam haver motivos que os faça abandonar a prática desportiva do futebol, nenhum fator chegou a 50% no nível de importância. Os motivos que foram mais marcados pelos atletas foram Falta de apoio familiar (48%), Falta de prazer e alegria nos treinos (45%) e Falta de patrocinador (40%).

Tabela 5 – Frequência de respostas positivas (importante e decisivo) para os possíveis motivos de abandono da prática esportiva para todas as categorias.

Motivos de abandono do esporte	N	%
Falta de talento	18	27
Falta de apoio familiar	32	48
Falta de patrocinador	27	40
Falta de apoio da federação confederação	16	24
Falta de segurança economica	22	33
Monotonia nos treinos	18	27
Carga excessiva nos treinos	14	21
Excesso de competições e viagens	8	12
Falta de prazer e alegria nos treinos	30	45
Insucessos repetitivos	23	34
Pressão de vencer (técnico, pais, outras pessoas)	23	34
Problemas de saúde (que não impeçam a prática)	26	39
Lesões esportivas (que não impeçam a prática)	26	39
Falta de tempo para estudar trabalhar	15	22
Falta de tempo para sair com os amigos	12	18
Condições inadequadas de treino	19	28

Na categoria infantil, os fatores que poderiam afastar os atletas da prática do esporte são os Insucessos repetitivos e as Lesões (40%) e a Falta de prazer e alegria nos treinos (36%). Tabela 6.

Tabela 6 – Frequência de respostas positivas (importante e decisivo) para os possíveis motivos de abandono da prática esportiva para a categoria infantil.

Motivos de abandono do esporte	N	%
Falta de talento	4	16
Falta de apoio familiar	6	24
Falta de patrocinador	8	32
Falta de apoio da federação confederação	6	24
Falta de segurança economica	6	24
Monotonia nos treinos	6	24
Excesso de competições e viagens	3	12
Insucessos repetitivos	10	40
Pressão de vencer (técnico, pais, outras pessoas)	7	28
Problemas de saúde (que não impeçam a prática)	7	28
Lesões esportivas (que não impeçam a prática)	10	40
Falta de tempo para estudar trabalhar	4	16
Falta de tempo para sair com os amigos	6	24
Condições inadequadas de treino	7	28

Na categoria juvenil o que seria motivo para abandonar o futebol: Falta de apoio familiar, Falta de prazer e alegria nos treinos e Problemas de saúde (43%), Falta de talento e Lesões (38%) e Falta de patrocinador (34%). Tabela 7.

Tabela 7 – Frequência de respostas positivas (importante e decisivo) para os possíveis motivos de abandono da prática esportiva para a categoria juvenil.

Motivos de abandono do esporte	N	%
Falta de talento	8	38
Falta de apoio familiar	9	43
Falta de patrocinador	7	34
Falta de apoio da federação confederação	2	10
Falta de segurança economica	6	29
Monotonia nos treinos	6	29
Carga excessiva nos treinos	4	19
Excesso de competições e viagens	1	5
Falta de prazer e alegria nos treinos	9	43
Insucessos repetitivos	3	14
Pressão de vencer (técnico, pais, outras pessoas)	5	25
Problemas de saude (que não impeçam a prática)	9	43
Lesões esportivas (que não impeçam a prática)	8	38
Falta de tempo para estudar trabalhar	2	10
Falta de tempo para sair com os amigos	2	10
Condições inadequadas de treino	5	25

Entre os atletas da categoria juniores os faria deixar de praticar o futebol os seguintes fatores: Falta de apoio familiar (85%), Falta de patrocinador e Falta de prazer e alegria nos treinos (60%) e Pressão para vencer (55%). Tabela 8.

Tabela 8 - Frequência de respostas positivas (importante e decisivo) para os possíveis motivos de abandono da prática esportiva para a categoria juniores.

Motivos de abandono do esporte	N	%
Falta de talento	6	30
Falta de apoio familiar	17	85
Falta de patrocinador	12	60
Falta de apoio da federação confederação	8	40
Falta de segurança econômica	10	50
Monotonia nos treinos	6	30
Carga excessiva nos treinos	4	20
Excesso de competições e viagens	4	20
Falta de prazer e alegria nos treinos	12	60
Insucessos repetitivos	10	50
Pressão de vencer (técnico, pais, outras pessoas)	11	55
Problemas de saúde (que não impeçam a prática)	10	50
Lesões esportivas (que não impeçam a prática)	8	40
Falta de tempo para estudar trabalhar	9	45
Falta de tempo para sair com os amigos	4	20
Condições inadequadas de treino	7	35

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a permanência da prática esportiva do futebol, observa-se, através dos resultados analisados, que o fator “Prazer pela prática” figura em todas as categorias como um dos fatores decisivos para a continuação da prática do futebol, assim como o fator “Sentir-se realizado”. Portanto, pode-se afirmar que a continuidade da prática desportiva do futebol acontece, com maior importância do ponto de vista dos atletas, por fatores motivacionais intrínsecos. Para Lawther (1973), gostar de praticar é de suma importância para a permanência de um indivíduo em uma modalidade esportiva, pois o valor educacional, o valor recreativo e o valor de saúde mental existente nos esportes, tendem a diminuir quando a atividade não é divertida.

Os resultados obtidos igualam-se aos encontrados por Machado et al (2005), em um estudo com jovens de 14 a 17 anos, onde o fator “divertimento” foi considerado mais importante que “habilidade desportiva”, e segundo os autores “percebe-se que os motivos que levam os adolescentes à iniciação desportiva não são os mesmos habitualmente valorizados por alguns educadores e treinadores”.

Kaneta et al (2006), também obtiveram em seus resultados os fatores “Prazer pela prática” e “Gostar de competir”, ao aplicarem o mesmo instrumento (QMPD), em sua pesquisa com 103 atletas de ambos os sexos, média de idade 19 anos, praticantes de atletismo.

Os resultados deste estudo diferem dos encontrados por Paim (2001), com 32 jovens praticantes de futebol, com idade entre 10 e 16 anos, onde os principais motivos para o envolvimento dos jovens com o futebol foram “desenvolver habilidades” e “excitação e desafio”. O mesmo autor encontrou em outro estudo com 100 jovens de 12 a 17 anos, como principais fatores motivadores: “competências desportivas” e “saúde”. As diferenças podem ser explicadas pelo contexto em que se inserem os atletas analisados. Em ambos os estudos de Paim (2001), os atletas se encontram em centros de iniciação esportiva, ou seja, pretendem aprender as técnicas do jogo, e por isso tenham como motivação melhorar seu desempenho esportivo.

Os fatores motivacionais extrínsecos como “retorno financeiro” e “sucesso” aparecem somente na categoria juvenil e não figuram como os mais importantes para os atletas, porém, uma vez que essa é a categoria intermediária até alcançar o profissionalismo, os meninos tendem a ansiar uma carreira promissora sem, contudo, contar com as dificuldades futuras.

Os atletas da última categoria que antecede profissionalismo buscam realização e prazer, além de melhorar o desempenho. A chance de se tornarem profissionais torna-se mais remota com o passar do tempo, porque geralmente os clubes oferecem contratos profissionais aos atletas ainda na categoria juvenil.

É interessante analisarmos através deste estudo que os atletas não tenham mencionado de forma explícita a busca pelo sucesso, pelo status social e o retorno financeiro, uma vez que se encontram dentro de uma categoria de base de um clube cujo objetivo é formar atletas de alto rendimento. Esperava-se encontrar esses motivos nas respostas dos atletas.

Para os possíveis motivos de abandono da prática do futebol, percebe-se através dos dados coletados que a “falta de apoio familiar” esta presente em todas as categorias como motivo que levaria ao abandono do esporte. Segundo Chaves (2004), os pais têm tido papel importante no desenvolvimento de atletas que se destacam em atividades esportivas e atingem o alto nível de performance. Este papel pode ser em forma de participação ativa, acompanhamento das atividades, suporte social e financeiro, mudança na rotina e nas prioridades da família entre outras formas.

Outro fator que aparece em todas as respostas é a “falta de prazer e alegria nos treinos”, que confirma as respostas de motivos para a permanência na prática, uma vez que a busca pelo “prazer” e “realização” são em geral, os principais fatores para que os atletas continuem praticando o futebol.

Os resultados encontrados neste estudo assemelham-se com os achados em Filho; García (2008), ao analisarem 332 ex-atletas, com idade de 10 a 20 anos, onde os principais motivos que os levou ao abandono esportivo foram “os estudos”, “a falta de tempo para os amigos”, “namoro e lazer”; “outros interesses fora do esporte” e “a monotonia dos treinos”.

Os dados deste estudo diferem dos resultados encontrados por Hallal et al (2004), no estudo com 140 ex-atletas de futsal, entre 11 e 17 anos, constam como principais motivos para o abandono da prática desportiva o “prejuízo nos estudos”, “falta de apoio do técnico”, “falta de patrocinador e apoio financeiro”. No mesmo estudo o autor não encontrou como um dos principais motivos para o abandono da prática esportiva a “falta de apoio dos pais”, apenas 20% dos relatos, mas afirma que esse resultado se deu por dois fatores: envolvimento exagerado do pai com o esporte, culminando em brigas, discussões com os treinadores, entre outros; e pouco envolvimento dos pais com a prática esportiva dos filhos. As diferenças entre os resultados obtidos nos estudos acima, se dá devido ao estágio em que se encontram os indivíduos que se dispuseram a participar das pesquisas. No estudo de Hallal et al (2004), a

amostra é composta por ex-atletas. Já este estudo, contou com a participação de atletas ainda em atividade no esporte, sendo necessário que os atletas imaginem uma situação que poderia levá-los ao abandono dessa prática. Pode-se levantar sobre esse ponto, a hipótese de que os atletas não tenham, no momento, nenhuma dificuldade de relacionamento com seus treinadores. Mas por estarem distantes da família, mesmo que não seja um distanciamento espacial e sim afetivo, a falta de apoio desses familiares causaria um transtorno muito grande no emocional dos atletas, sendo suficiente para o abandono do esporte.

6. CONCLUSÕES

Neste estudo objetivou-se identificar os principais fatores motivacionais que contribuem para a prática desportiva do futebol e aqueles que poderia causar seu abandono em categorias de base de clubes de futebol profissional. Concluiu-se que os principais motivos que levam os jovens a praticar o futebol são o “prazer pela atividade”, “a busca pela realização pessoal” e para “melhorar o desempenho esportivo”. E os motivos que pode levá-los a abandonar a prática são a “falta de apoio familiar”, a “falta de prazer e alegria nos treinos”, “as lesões”, “a falta de patrocinador”.

Embora façam parte de uma equipe de um clube de futebol profissional, os atletas que participaram desta pesquisa não demonstraram através do Questionário de Motivação para a Prática Desportiva, o desejo de ser famosos, obter um retorno financeiro e ter status social.

Percebeu-se que os atletas questionados não consideram a possibilidade de abandono da prática do esporte, uma vez que pouquíssimos fatores foram considerados demasiado importante para fazer com que abandonem o futebol.

Pode-se dizer que independente do contexto em que se inserem os atletas de futebol, o principal motivo para sua prática vai ser, na sua grande maioria, o gosto pelo esporte e a sensação de alegria que ele é capaz de causar nas pessoas, ou seja, os fatores motivacionais intrínsecos. Aparentemente, a busca pelo profissionalismo, pelo dinheiro e pela fama, fatores motivacionais extrínsecos, são objetivos em segundo plano para aqueles que são apaixonados pelo esporte, que rompe barreiras, como raça, cor, classe social e crença impostas pela sociedade.

7. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. L.; LAMEIRAS, J. **Treinamento psicológico e futebol na era da globalização.** (2008). In: M. R. F. Brandão, A. A. Machado, J. P. Medina, A. Scaglia. **Futebol, psicologia e a produção do conhecimento.** (p. 33-61). São Paulo, Atheneu.
- ANJOS, J.L.; GUIMARÃES, V. **Motivações para prática de ginástica rítmica: reflexões a partir de ginastas brasileiras.** Revista Bras. Educ. Fís. Esp., v. 20, p. 418, São Paulo, Set. 2006.
- ARAÚJO, D. M. E.; FERREIRA, M. V. N.; OLIVEIRA, W. R. S. **Expectativas de crianças e adolescentes que freqüentam, escolinhas de futebol.** Anais do III Econtro de Educação Física e Áreas Afins – Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação Física (NEPEDF)/Dep. EDF/UFPI. 23, 24 e 25 de Outubro de 2008.
- BARREIRA, E. C. D. **Futebol e adolescência: violência ou inclusão social.** (2004). Monografia (graduação). ULB, Ulbra – SC.
- BARROSO, M. L. C. **Validação do Participation Motivation Questionnaire adaptado para determinar motivos de prática esportiva em adultos jovens brasileiros.** (2007). Dissertação (mestrado). UDESCC, Florianópolis.
- BORTOLI, A. L.; BORTOLI, R. **A formação técnico-tática no futebol: uma perspectiva histórica.** Instituto Domínio Corporal. Centro Universitário de Colatina -UNESC, 2001. In: <http://uni.educacional.com.br/up>.
- BRANDÃO, M. R. F.; MORGADO, F.; MACHADO, A. M.; ALMEIDA, P. **O futebol e seu significado.** Motriz, Rio Claro, V. 14, n. 3, p. 233-240, Jul/Set 200.
- BUENO, J. M. H. et al. **Investigação das propriedades psicométricas de uma escala de metas de realização.** Estudos de Psicologia, v .24, n. 1, p. 79-97, 2007.
- CHAVES, A. D.; FILHO, M. G. B. **A INFLUÊNCIA DOS PAIS NA ANSIEDADE PRÉ-COMPETITIVA NA NATAÇÃO.**
- CORRÊA, D. K. A.; ALCHIERI, J. C.; DUARTE, L. R. S.; STREY, M. N. **excelência na produtividade: a performance dos jogadores de futebol profissional.** Psicologia. Reflexão e Crítica. vol.15, no.2. Porto Alegre, 2002.
- DAVIDOFF, L. L. **Introdução à psicologia.** São Paulo: Makron Books, 1983.
- DIAS, M. H.; Teixeira M. A. **Estudo exploratório sobre o abandono do esporte em jovens tenistas.** (2004). Departamento de Fundamentos da Educação - UFSM; Instituto de Psicologia - UFRGS.
- DORSCH, F. HACKER, H. STAPF, K. **Dicionário de psicologia Dorsch.** Tradução de LEÃO, E. C. e equipe. Petrópolis: Vozes, 2001.

EPIPHANIO, E. H. **Conflitos vivenciados por atletas quanto a manutenção da prática desportiva de alto rendimento.** Rev. Estudos de Psicologia, PUC-Campinas, v. 19, n. 1, p. 15-22, janeiro/abril 2002.

FIGUEIREDO, S. H. **Variáveis que interferem no desempenho do atleta de alto rendimento.** In: RUBIO, K. (org). **Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FILHO, M. G. B.; GARCIA, F. G. **Motivos de abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo.** Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.22, n.4, p.293-300, out./dez. 2008.

FLEURY, S. F. **Estudo das faltas e condutas antidesportivas de atletas de futebol profissional em decisões de Campeonato Brasileiro.** (2004). Dissertação (mestrado). UAM, São Paulo.

FONSECA, A. M.; BRITO, A. P. **A FCDEF-UP e a psicologia do desporto: as atribuições causais.** Porto: FCDEF, Universidade do Porto, 2001.

GOUVÊA, F. C. **Motivação e o esporte: uma análise inicial.** In: BURITI, M. A. (Org.) **Psicologia no Esporte - Coleção Psicotemas.** Campinas: Editora Alínea, 1997, p. 149-173.

HALLAL, P.C.; Nascimento, R.R.; Hackbart, L.; Rombaldi, A. J. **Fatores Intervenientes Associados ao Abandono do Futsal em Adolescentes.** Rev. bras. Ci. e Mov. Brasília v. 12 n. 3 p. 27-32 setembro 2004

HERNANDEZ, J. A. E.; VOSER, R. C.; LIKAUKA, M. G. A. **Motivação no esporte de elite: comparação de categorias de futsal e futebol.** Revista Digital, ano 10, n. 77. Buenos Aires, 2004.

ISLER, G. L. **Atleta, seus pais o motivaram para a prática esportiva? Análise das histórias de vida.** 2002. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP.

JESUS, G. M. **Considerações teórico-metodológicas sobre a difusão do futebol.** Scripta Nova – revista electrónica de geografia y ciencias sociales. Universidade de Barcelona. N. 69 (23), 2000.

KANETA, C.; LUGUETTI, C.; BOHME, M. T. S.; SELINGARDI, D. **Os aspectos motivacionais de ambos os sexos em processo de treinamento esportivo no atletismo.** Revista Bras. Educ. Fís. Esp., v. 20, p. 421, São Paulo, Set. 2006.

LAWTHER, L. **Psicologia desportiva.** Rio de Janeiro: Fórum, 1973.

LEONHARDT, L.; **O psicológico auxiliando na qualificação do treinador: potencializando talentos no cotidiano de um clube de futebol.** (2003). In K. Rubio (Org.), **Psicologia do esporte aplicada** (pp. 141 – 53).

LEVINE, R. M. **Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro.** (1982). In J. C. B. Meihy & J. S. Witter (orgs), **Futebol e cultura:coletânea de estudos.** (p. 21-44). São Paulo, Imprensa Oficial.

MACHADO, A. A. **Importância da Motivação para o Movimento Humano.** In: **Perspectivas Interdisciplinares em Educação Física,** São Paulo: Soc. Bras. Des. Educação Física. , 1995.

Machado, C. S.; Piccoli, J. C. J.; Scalon, R. M. **Fatores motivacionais que influem na aderência de adolescentes aos programas de iniciação desportiva das escolas da Universidade Luterana do Brasil.** *Revista Digital - Buenos Aires - Ano 10 - N° 89 - Outubro de 2005*

NETO, S. P. **Psicologia da aprendizagem e do ensino.** São Paulo: Editora da USP, 1987.

ORTIZ, J. P. **Historia del fútbol: evolución cultural.** *Revista Digital*, , ano 11, n. 106. Buenos Aires, 2007.

PAIM, M. C. C. **Motivos que levam adolescentes a praticar o futebol.** (2001). *Revista Digital*, ano 7, n. 43. Buenos Aires, 2001.

PAIM, M. C. C. **Fatores motivacionais e desempenho no futebol.** *Ver. da Educação Física/UEM. Maringá*, v. 12, n.2, p. 73-79, 2º sem. 2001.

PIRES, D. A.; BRANDÃO, M. R. F.; MACHAO, A. A. **A síndrome de burnout no esporte.** *Motriz*, Rio Claro, v.11 n.3 p.147-153, set./dez. 2005

PISANI et al. **Psicologia geral.** 11ª ed. Porto Alegre: Vozes, 1990.

RODRIGUES, P. A. **Motivação e performance.** (1991). Monografia (graduação). UNESP, Rio Claro.

ROSITO, L. E. **Níveis de ansiedade traço-estado em jogadores de futebol das categorias de base de clubes profissionais.** (2008). Dissertação (mestrado). UFRGS, Porto Alegre.

SÁ, L. G. C. **Atribuição de causalidade ao nível de competência em jogadores de futebol.** (2009). Dissertação (mestrado). UFU, Uberlândia.

SAMULSKI, D.M. **Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática.** Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1995. p.53-74.

SAMULSKI, D. M. **Psicologias do Esporte.** 2008. 2ª Edição. Barueri. Ed. Manole.

SANTOS, C. M. G. **Motivação e esporte: um programa de intervenção das metas de realização em jovens atletas.** (2007). Tese (doutorado). Universidade de Brasília.

SHIRTZ, M. G. **Futebol no Brasil ou foot ball in Brazil?** (1982). In J. C. B. Meihy & J. S. Witter (orgs), **Futebol e cultura:coletânea de estudos.** (p. 87-99). São Paulo, Imprensa Oficial.

SUÁREZ, J. M. C. **Aspectos psicológicos do jogador de futebol adolescente.** (2008).

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício.** 2001. Porto Alegre. Ed. Artmed.

WINTERSTEIN, P. **A motivação para a atividade física e para o esporte.** In: De Rose Jr., Dante et cols. (orgs). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência.** Porto Alegre. Artmed, 2002.

WITTER, J.S. **Futebol...Futebol.** (1982). In J. C. B. Meihy & J. S. Witter (orgs), **Futebol e cultura:coletânea de estudos.** (p. 71-85). São Paulo, Imprensa Oficial.

8. ANEXOS

8.1 QUESTIONÁRIO DE MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA ESPORTIVA

1. Avalie os motivos que o mantém "HOJE" praticando esportes.					
0 - sem importância 1 - pouca importância 2 - importante 3 - decisivo					
	Motivos que o mantém praticando esportes	0	1	2	3
1	pelo prazer da prática do esporte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	por sentir-se realizado / buscar realização	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	para aprender novos movimentos e técnicas esportivas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	para aumentar seus conhecimentos no esporte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	para melhorar seu desempenho esportivo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	por gostar de competições	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	por ter sucesso no esporte / buscar sucesso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8	para conhecer meus limites	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9	pelo retorno financeiro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	por gostar de desafios	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11	para fazer amizades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12	pelo status social	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13	ter o desempenho reconhecido por outras pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14	aprender a cooperar com outras pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15	pelo incentivo da família e amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16	para viajar, conhecer outras pessoas e países	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Avalie os motivos que poderiam levá-lo a ABANDONAR a prática de esportes competitivos.					
0 - sem importância 1 - pouca importância 2 - importante 3 - decisivo					
	Motivo de abandono do esporte	0	1	2	3
1	falta de talento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2	falta de apoio familiar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3	falta de patrocinador	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4	falta de apoio da federação confederação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5	falta de segurança econômica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6	monotonia nos treinos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7	carga excessiva nos treinos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8	excesso de competições e viagens	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9	falta de prazer e alegria nos treinos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10	insucessos repetitivos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11	pressão de vencer (técnico, pais, outras pessoas)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12	problemas de saúde (que não impeçam a prática)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13	lesões esportivas (que não impeçam a prática)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14	falta de tempo para estudar trabalhar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15	falta de tempo para sair com os amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16	condições inadequadas de treino	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>